

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



TÍTULO: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES MIGRANTES MARANHENSES E A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS INTERCULTURAIS NO CENTRO DE ENSINO EM TEMPO INTEGRAL DE CALDAS NOVAS

[Autor 1º] Inoá Alves Cavalcante Lobo

UFCAT – PPGHMP

inoazoe@gmail.com

GT 5 – Juventudes, Diversidade e Relações Étnico-Raciais

INTRODUÇÃO

Minha motivação para desenvolver esta pesquisa nasce de minha própria experiência como professora migrante. Oriunda do Tocantins, migrei para Goiás ainda jovem, carregando não apenas uma bagagem cultural diversa, mas também a marca de episódios de racismo linguístico vivenciados no ambiente escolar. Tais experiências de exclusão, que marginalizavam minha forma de falar, minha origem e meus saberes, foram fundamentais para despertar um olhar mais atento e sensível à realidade de tantos(as) outros(as) estudantes em situação semelhante.

Caldas Novas, cidade que abriga minha prática docente atual, é um dos municípios goianos que mais recebe fluxos migratórios de maranhenses. Esses sujeitos, em sua maioria oriundos de contextos socioeconômicos vulneráveis, ocupam funções relacionadas ao trabalho informal, ao turismo, à construção civil e a setores de serviços. Suas crianças e adolescentes adentram cotidianamente as salas de aula da rede pública local, carregando consigo um universo simbólico, linguístico e cultural que, nem sempre, é reconhecido ou valorizado pelas instituições escolares.

Realização:



Apoio:



A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



Diante disso, algumas questões norteiam a presente pesquisa: como as escolas têm acolhido o crescente número de estudantes maranhenses? De que maneira suas identidades culturais e linguísticas são tratadas no ambiente escolar? Como construir práticas pedagógicas que transcendam a lógica assimilacionista e promovam, de fato, o diálogo intercultural e a valorização dos saberes migrantes?

Tendo como objetivo principal o desenvolvimento de estratégias pedagógicas interdisciplinares que promovam diálogos interculturais críticos nas escolas públicas de Caldas Novas, este trabalho fundamenta-se nos aportes teóricos do Movimento Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (M/C/D), especialmente nas reflexões de autores como Aníbal Quijano (2009), Walter Dignolo (2017), Catherine Walsh (2009) e Boaventura de Sousa Santos (2009). Em diálogo com essas vozes, defendo que as práticas escolares devem ultrapassar abordagens superficiais de diversidade, rompendo com os paradigmas coloniais ainda vigentes na educação brasileira, especialmente no que tange ao currículo, à linguagem e às epistemologias legitimadas.

A proposta metodológica da pesquisa está centrada na análise de narrativas de estudantes migrantes maranhenses, a serem coletadas por meio de rodas de conversa, observações e entrevistas semiestruturadas. Tais narrativas serão analisadas sob a ótica da análise crítica do discurso, buscando compreender como esses sujeitos constroem sentidos sobre si, sobre sua trajetória migratória e sobre o lugar que ocupam na escola. O produto final da pesquisa será a elaboração de um material didático intercultural e decolonial, a ser implementado em atividades pedagógicas interdisciplinares nas escolas envolvidas.

A estrutura do trabalho contempla três capítulos: o primeiro apresenta o embasamento teórico e a metodologia; o segundo analisa a migração maranhense à luz da colonialidade e do racismo geopolítico; o terceiro, ainda em construção, trará a análise das narrativas e proposições didáticas. A seguir, apresento o desenvolvimento parcial da pesquisa, com base nos capítulos já estruturados.

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



CAPÍTULO 1 – INTERCULTURALIDADE E DECOLONIALIDADE NA EDUCAÇÃO

A migração interna no Brasil, especialmente o fluxo de maranhenses para Goiás, não pode ser compreendida apenas sob a ótica econômica ou demográfica. Trata-se de um fenômeno que implica disputas simbólicas, identitárias e epistemológicas, que se manifestam de forma intensa nas instituições escolares.

Nesse contexto, o conceito de interculturalidade crítica, conforme proposto por Walsh (2009), oferece uma chave interpretativa essencial. Ao contrário das abordagens funcionais ou celebratórias da diversidade, a interculturalidade crítica propõe o enfrentamento das estruturas de poder que hierarquizam culturas e saberes. Ela reconhece que o contato entre culturas ocorre, muitas vezes, em contextos de desigualdade histórica e estrutural, e que a escola pode (re)produzir tais desigualdades ou subvertê-las.

No caso dos(as) estudantes migrantes maranhenses, a interculturalidade crítica se revela como ferramenta pedagógica potente para a valorização de seus saberes tradicionais, modos de falar e de conhecer, costumes, festas, religiosidades e histórias de vida. A escola deve, portanto, ser espaço de encontro e não de negação do Outro.

A decolonialidade, por sua vez, emerge como crítica ao eurocentrismo ainda hegemônico no currículo escolar. Segundo Quijano (2009), a colonialidade do poder, do saber e do ser segue operando nas instituições modernas, inclusive nas escolas, que continuam a reproduzir epistemologias que deslegitimam saberes não ocidentais. A educação, nesse sentido, torna-se espaço de resistência quando permite o surgimento de vozes antes silenciadas e reconhece as epistemologias oriundas de grupos historicamente marginalizados.

A combinação entre interculturalidade crítica e decolonialidade propõe, assim, um projeto educativo político e transformador, que parte da realidade dos(as) estudantes e promove um currículo policêntrico, atento à pluralidade cultural e epistêmica do país.

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



CAPÍTULO 2 – MIGRAÇÃO MARANHENSE, SUBALTERNIZAÇÃO E RACISMO GEOPOLÍTICO

O fenômeno migratório de maranhenses para Goiás possui raízes históricas profundas e está vinculado às desigualdades regionais produzidas pela modernidade/colonialidade. Ao longo das últimas décadas, milhares de famílias migraram do Nordeste, especialmente do Maranhão, para o Centro-Oeste em busca de oportunidades, muitas vezes ocupando postos de trabalho precários e sendo alvo de estigmas sociais.

Como destaca Santos e Melo (2021), o eurocentrismo impõe não apenas um modelo de conhecimento, mas também hierarquias de valor sobre corpos, línguas e culturas. Essa lógica é visível na forma como estudantes maranhenses são, por vezes, ridicularizados em razão de seus sotaques, vocabulários ou hábitos culturais.

Esse processo é definido por Oliveira e Candau (2010) como racismo geopolítico – uma forma de discriminação baseada na origem regional, que associa o Nordeste à pobreza, ao atraso e à ignorância. Tal preconceito se manifesta no espaço escolar por meio da linguagem, das relações entre colegas e, infelizmente, até de práticas docentes pouco sensíveis à diversidade.

A colonialidade da linguagem, por exemplo, desvaloriza os falares populares e as variantes regionais, reforçando a norma culta como padrão universal. Como resultado, estudantes migrantes muitas vezes são silenciados, corrigidos de forma autoritária ou impedidos de expressar sua identidade linguística. A escola, que deveria ser espaço de escuta, se torna local de exclusão simbólica.

A pesquisa busca, portanto, desvelar esses mecanismos de exclusão e propor práticas de resistência pedagógica, com base na escuta ativa das vozes migrantes. Por meio das narrativas orais de estudantes, será possível compreender como esses sujeitos constroem suas identidades, percebem o preconceito e criam estratégias de afirmação cultural.

A Pedagogia histórico-crítica
e suas contribuições:
na era da inteligência
artificial, o que fazer com o
conhecimento humano
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



CONCLUSÃO (PARCIAL)

A pesquisa, ainda em andamento, já evidencia a urgência de uma escola que reconheça, acolha e legitime os saberes de estudantes migrantes, especialmente os(as) oriundos(as) do Maranhão, que carregam marcas profundas de deslocamento, resistência e identidade.

Com base nos referenciais da interculturalidade crítica e da decolonialidade, propõe-se uma abordagem pedagógica que vá além da celebração folclórica da diversidade, enfrentando as estruturas que marginalizam e silenciam vozes subalternizadas.

A construção de um material didático intercultural, como produto final da pesquisa, será uma ferramenta prática e simbólica de transformação pedagógica. Este material pretende dialogar com a realidade dos(as) estudantes migrantes, valorizando sua cultura, sua história e seus saberes como fundamentos legítimos do processo educativo.

Mais do que um recurso pedagógico, o material buscará ser um instrumento de diálogo, empoderamento e resistência. Com ele, espera-se contribuir para a construção de uma educação mais justa, democrática e verdadeiramente plural em Caldas Novas – uma educação capaz de enxergar o Outro como sujeito pleno de saberes, direitos e humanidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 19 out. 2024.

CANDAU, V. M. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. In: **Revista Espaço do Currículo**, v. 13, n. Especial, p. 678-686, João Pessoa, dez. 2020.



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?

COSTA, P. L. V. et al. Decolonialidade e relações étnico-raciais na educação infantil: reflexões para uma formação continuada docente. In: MARTINS, A. P. S.; BRUSSIO, J. C. (orgs.). **Educação, diversidade e interculturalidade: reflexões para giros decoloniais**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 173-199.

FLEURY, R. **Educação intercultural e movimentos sociais**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, mar. 2008.

MIGNOLO, W. Desafios decoloniais hoje. In: **Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 12-32, 2017.

OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. In: **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, Belo Horizonte, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009. p. 73-117.

RIBEIRO, D.; GAIA, R. S. P.; RODRIGUES, J. M. C. Colonialidade e raça: implicações eurocêntricas para o currículo. In: **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, p. 1-21, 2020.

SANTOS, T. M.; MELO, J. B. Pedagogia decolonial: uma análise compreensiva sobre o saber popular preto. In: **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 1-8, Curitiba, 2021.

WALSH, C. Interculturalidade e (des)colonialidade: perspectivas críticas e políticas. In: CONGRESSO ARIC, 12., 2009, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, 2009. p. 1-18. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/walsh-interculturalidade-e-descolonialidade-pdf-free.html>. Acesso em: 20 out. 2024.